

O passe e os restos de identificação¹

Éric Laurent²



Diferentemente da Vênus de Botticelli emergindo das ondas, o desejo do psicanalista supõe uma queda, uma ruptura prévia na cadeia das identificações, especialmente fálicas. É preciso uma queda e a substituição de uma identificação por outra ligada ao discurso analítico: essa é a metáfora da passagem do discurso do inconsciente para o discurso da psicanálise.

Ora, essa metáfora não se faz sem restos. A elaboração do matema de si mesmo não é a transmissão integral de si em silêncio, como nos romances de ficção científica que sonham com o *teletransporte*, ou como nos romances de Michel Houellebecq nos quais os clones encarnam o mito de uma identidade separada do corpo, conectada a um puro vivo, retorno da alma do mundo. Se o passe fosse isso, ele seria uma soteriologia³ para ilustres intelectuais. O vivo não se transmite integralmente. Não há eternidade, há restos. Como o ser (*l'être*), o resto se diz de múltiplas maneiras: são os *restres* ou os *rêtres*⁴.

Os restos do significante

O percurso de uma psicanálise se inaugura com o estabelecimento do inconsciente transferencial, por meio da associação de dois significantes $S_1 \rightarrow S_2$. Ele termina num horizonte onde os significantes-mestres do sujeito se desprendem das múltiplas ligações que haviam tecido e tomam, desde então, uma dimensão real. O retorno deles nas cadeias identificatórias se torna impossível: S_1 se encontra isolado, separado de S_2 .

Mas sempre restarão significantes que não ficarão completamente sozinhos. Nós não esperamos que todos os significantes-mestres de um sujeito sejam assim produzidos; basta que alguns o sejam suficientemente. Assim, um sujeito evoca, durante as primeiras sessões, as três gerações de desejo que provocaram o embaraço no qual ele se encontra. Em primeiro lugar, o casamento do avô com uma mulher de classe inferior, cujos filhos incomodam a família. Em seguida, uma mãe que maltrata seus próprios filhos. Por fim, ele, o filho, que se divorcia aos quarenta anos com a firme intenção de "não fazer sofrer sua mulher", embora aconteça, lógico, exatamente o contrário. A análise terá que desfazer esse emaranhado.

Os significantes-mestres circulam entre as gerações, para além dos indivíduos - assim como a transmissão daquela bofetada evocada por Lacan⁵. Produzir esses S_1 consiste em liberar o sujeito de sua ingenuidade e de sua perplexidade e percorrer o labirinto de gozo no qual se atam repetição, culpabilidade, agressividade, depressão e agitação extrema. Será necessário isolar os significantes familiares que, em sua contingência, contribuem para a formação e para a estabilização dos modos de satisfação que constituem a fantasia. Passamos, assim, o percurso do desenvolvimento da cadeia significativa às relações do sujeito com os objetos do seu gozo: $\$ \langle \rangle a$. Essa passagem se faz graças à dupla

função do psicanalista: de um lado, como destinatário das demandas do sujeito, de outro, como objeto que deteria a chave do impossível: $a \rightarrow \$$.

A identificação de um modo de gozo não é a identificação a um modo de gozo. É o que nos ensina o fim de "A direção do tratamento..."⁶. Enquanto a psicanálise da época visava a identificação do sujeito à sua fantasia, Lacan mostra como o sujeito é conduzido, pela pulsão, à contingência do amor. A fantasia pode ser "atravessada". A identificação de um modo de gozo modifica o que entendemos por identificação. Como indica o *Seminário* do mesmo nome, o desenvolvimento de uma série na qual se misturam significantes e valor de gozo - que pode se escrever $(1+a)$ - permite definir um valor de gozo para toda a série. Lacan esclarece assim os debates nos quais a psicanálise se aprofundava em contradições, dividida entre a transferência como repetição da cadeia significante e a transferência no presente, articulada à entrada da fantasia na realidade da sessão. Um tratamento psicanalítico não se faz, portanto, sem restos.

Os restos da passagem entre o inconsciente e o modo de gozo

O inconsciente é esse lugar do discurso onde o princípio da não contradição não reina. É uma zona de onde se sai das oposições entre o sim e o não, o verdadeiro e o falso. Essas oposições são levantadas como o véu que recobria a divisão do sujeito pelo gozo [$a \rightarrow \$$].

Quanto mais a análise avança, mais o sentido do sintoma conduz ao seu mais além. O sentido do sintoma constitui a primeira via em direção à sua identificação, o tratamento torna-se o lugar de uma nomeação do sintoma; Lacan, porém, invocou, a este propósito, *La Chasse au Snark*⁷ de Lewis Carrol, pois essa caça ao significante que

viria verdadeiramente nomear o sintoma esbarra com o princípio de substituição: o *Snark* era um Boojum⁸.

A solução nos seria dada por um contemporâneo de Lewis Carrol, Oscar Wilde, que descrevia a caça à raposa como "o indizível à procura do incomível" (*the unspeakable in pursuit of the inedible*)? A identificação de um sintoma dará acesso à identificação ao sintoma pela reintrodução do gozo, uma vez que o desaperto⁹ da identificação a um significante-mestre - S_1 - permitirá o aperto de um furo.

Tomemos o exemplo de um sujeito marcado pela cena na qual surpreendeu os pais numa cena sexual. Ele guarda a lembrança de uma frase enigmática da mãe: "Você voltará quando o céu ficar violeta". Por muito tempo, os recursos do equívoco da frase deixaram-no na errância entre o enamoramento por jovens andrógenas e a contemplação fascinada de sexos desvelados de maneira pornográfica. Quanto tempo a fixação escópica do sintoma o manterá livre da constatação de que ele nunca se recuperou da determinação da mulher proibida, inacessível? Do significante-mestre ao furo na linguagem, a passagem não se faz sem restos.

Os restos da passagem no furo

Enquanto se produzem as identificações que tramaram a história do sujeito, revela-se não somente que a identificação é múltipla, mas, sobretudo, que ela é impossível. Ninguém pode se identificar ao seu próprio inconsciente. O sujeito pode sonhar em isolar a fórmula do inconsciente, mas nós sabemos os limites dessa empreitada - é o que testemunha a tentativa de Serge Leclaire¹⁰, ao procurar reduzir o seu inconsciente à sua raiz "Poordjeli" e sair da alienação por esse viés¹¹. A separação em relação ao Outro não reside na cadeia significante, mesmo reduzida a seu caroço. Permanece impossível para o sujeito

significar a si mesmo. Não existirá a *palavra final* (*fin mot*), nos diz Sonia Chiariaco¹². Não há univocidade tão absoluta que atinja uma universalidade literal. Por outro lado, a separação reside do lado do objeto a, furo da letra na mediocridade do sentido, como o evoca "Televisão"¹³. É na vertente do tratamento enquanto experiência lógica que se produz o furo na língua do sujeito. Lacan isola assim a função lógica da letra como argumento de uma função, $F(x)$, a de um furo na linguagem. Ele evoca o poder de "soflagem"¹⁴ da escrita: "*Todos os animais são mortais, vocês sopram os animais e vocês sopram mortais, e vocês colocam no lugar o ápice do escrito, isto é, uma letra, simplesmente*"¹⁵.

Essa concepção da escritura não é a da escrita como impressão, nem de uma homologia entre essas duas dimensões que são a fala e a linguagem. Para que, via repetição, o furo possa ser escavado, é preciso começar por dizer e não por escrever, no sentido da literatura. A esse respeito, afirma Lacan: "a autoanálise de Freud era uma *writing-cure* e eu creio que é por isso que ela falhou. Escrever é diferente de falar. Ler é diferente de ouvir"¹⁶.

O furo assim escavado nos enunciados do sujeito não é, entretanto, suficiente: é preciso ainda que o sujeito mergulhe no furo aberto no e pelo inconsciente, que Lacan compara com o buraco existente no palco dos teatros¹⁷. Depois de ter evocado o ato analítico, Lacan assinala: "Não há passagem ao ato senão como um mergulho no buraco do ponto, aquele que sopra sendo, evidentemente, o inconsciente do sujeito". O analista marca o lugar desse buraco ao mesmo tempo em que o vela [$a \rightarrow \$$]. A operação lógica no tratamento não pode, no entanto, se reduzir à escritura de funções de gozo como numa espécie de *Begriffsschrift* psicanalítica¹⁸. Se essa escritura faz aparecer o furo nos enunciados - assim como aquele que

produz o argumento da função -, o sujeito pode, entretanto, permanecer na borda.

Na série das vinte conferências pronunciadas em 2005 na rádio *France Culture*, Jacques-Alain Miller explorava precisamente o que se produz "quando os tratamentos duram muito tempo", mas o sujeito não "mergulha" no buraco do ponto¹⁹. Esse aspecto indexa um obstáculo no qual os testemunhos de passe podem esbarrar. Por exemplo, aquele que era filhinho da mamãe, que se tornou um mulherengo, continua a querer seduzir a Escola no procedimento do passe. Aquela que era a filhinha do papai e rejeitava sua mãe, tinha amado o passador e detestado a passadora. O homem marcado pelo segredo familiar carrega com ele uma atmosfera de clandestinidade que se atesta no dispositivo. Aquela que foi marcada pela solidão na infância quer ser adotada pela Escola e encontrar nela sua nova família²⁰. Essa declinação dos restos mostra a presença de fundo²¹ (*en abyme*) da fantasia.

Como então o tal mergulho pode se produzir? Lacan dá uma indicação bem precisa: é necessário que o sujeito descomplete o sintoma do Outro. "É preciso ter sido formado como analista. É somente quando este está formado que, de vez em quando, isso lhe escapa; estar formado é ter visto como o sintoma se completa"²². É *via* incompletude que o salto no buraco poderá se produzir. Isso supõe que sejam franqueados os restos de identificação fantasística e os restos de identificação com o analista.

Os restos da identificação com o analista

O princípio do fracasso do ato analítico reside, em última instância, na identificação com o analista, a qual se dá sob duas formas distintas.

De um lado, a identificação com o analista como aderência ao psicanalista que foi o instrumento da operação

analítica: o sujeito se torna analista como o deseja seu analista ou como este último. Angelina Harari mostrou perfeitamente as consequências dessas autorizações ilusórias (*en tromp-l'oeil*)²³. A identificação com o analista se faz à sombra desses jogos narcísicos nos quais um é a imagem do outro. Identificações fantasísticas e narcísicas se recobrem como nas "brincadeiras da margem com a onda [...] com os quais se encantou [...] o maneirismo", nos diz Lacan²⁴. Essa identificação pode também se produzir quando o sujeito nomeado como passador pelo analista não se apresenta ao passe depois, ficando assim ligado à satisfação obtida do seu analista.

Por outro lado, há a identificação com o analista como aderência a um ideal ou a uma norma do que seria o analista: ela impede que essa perspectiva idealizante e normativa seja abandonada. O esforço da Comissão do passe é o de não mais considerar a existência de um analista tomando como medida a exceção a uma regra, para decifrar, ao contrário, a partir da exceção, uma faceta do que é ser um analista. Parte-se então, não do que é comum ou corrente, mas, sobretudo, do que é inabitual. É segundo essa perspectiva que "Cromwell foi julgado como o inglês mais típico do seu tempo, simplesmente porque ele foi o mais bizarro"²⁵. Essa lógica da singularidade é aquela na qual o vazio e o gozo entram em jogo, mais além dos significantes-mestres que fazem a lei para cada um.

Uma topologia do resto a produzir

Para concluir, proponho que nos confrontemos novamente com o desenho atribuído a Rembrandt e que está exposto no Museu de Belas Artes de Rennes. Lacan se serve dele para opor a construção do *sinthoma* e as complicações do aprisionamento²⁶ na imagem do corpo. "É somente na medida em que os seres são inertes, isto é, suportados por um

corpo, que se pode dizer a alguém, tal como foi feito por iniciativa de Popilius - *eu fiz um grande círculo em torno de você e você não sairá daqui antes de ter me prometido tal coisa*"²⁷.

É o *sinthoma* que permite não sujeitar a singularidade à individualidade ou à inércia do corpo. Ele supõe colocar em jogo o recobrimento dos orifícios pulsionais do corpo e os furos do inconsciente. Em sua "Nota passo a passo", J.-A. Miller nos convida a reconhecer "no círculo popiliano, o círculo vazio [...]. Popilius só faz parceria com o monarca oriental para separá-lo dos seus órgãos consultivos e militares, e para desinflar sua ênfase, até reduzi-lo a uma bexiga vazia"²⁸. Prossigamos nesse sentido e imaginemos que o círculo que envolve Antiochus e a multidão, que cerca o par formado por Popilius e Antiochus, trace a borda de um furo. No lugar de Antiochus suntuosamente vestido, coloquemos Vênus suntuosamente despida. Abramos sua boca, tal como faz Freud em seu sonho da injeção dada a Irma. O abismo assim aberto introduz a questão da singularidade do modo de gozo, que pertence ao corpo, sem, no entanto, se reduzir a ele. Respondendo à angústia que nos sufoca, temos a chance de responder ao convite de Demócrito, segundo a leitura que Lacan nos propõe em *Mais, ainda* e em "O aturdido". O átomo de Demócrito, assim como o *sinthoma* de Lacan, é a um só tempo corpo e "elemento de significância volante". O gozo do corpo é simultaneamente corpo e vazio, "não mais corpo do que vazio"²⁹. Essa não é a palavra final, mas a articulação de uma topologia a ser produzida, aquela do lugar de "mais ninguém".

Tradução e revisão: Márcia Bandeira e Samyra Assad.

¹ Texto traduzido do original "La passe et les restes d'identification", publicado em *Révue de la Cause Freudienne* (76). Paris: Navarin, pp. 44-50.

² Éric Laurent é psicanalista, membro da Escola da Causa Freudiana e da Associação Mundial de Psicanálise. Essa intervenção foi apresentada nas Jornadas da ECF, que aconteceram nos dias 10 e 11 de julho de 2010, em Rennes, sob o título *Nascimento do desejo do psicanalista no século XXI*. O quadro de Botticelli citado por Laurent inspirou o cartaz das jornadas.

³ (N.T.): De acordo com o dicionário *Le Petit Robert* (2012), soteriologia significa doutrina da salvação por um redentor.

⁴ Saint Simon dá vida a esse termo no singular: "o velho *rêtre*, muito-estimado, muito-cuidadoso com os restos do seu ser (*être*). O *Littré* (Dicionário da Língua Francesa) repertoria também o verbo *r'être*: termo antigo. Ser de novo é conjugado como o verbo ser (*être*)". [NDLR]

⁵ LACAN, J. (1998[1957]). "A psicanálise e seu ensino". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 450.

⁶ Idem. (1998[1958]). "A direção do tratamento e os princípios de seu poder". In: *Escritos*. Op. cit., pp. 645-649.

⁷ (N.T.): Poema de Lewis Carrol, caracterizado pelo *non-sense*, cujo tema é a caça a um animal fantástico, o *Snark*.

⁸ "No meio dessa palavra que ele tentava dizer / No meio de sua alegria e do seu riso loucos, / De repente, muito lentamente, ele desaparecera - / Pois, imaginem vocês, o *Snark*, era um *Boojum*". CARROL, L. (1989). "La Chasse au *Snark*". In: *Oeuvres*, t. II. Paris: Robert Laffont, p. 29.

⁹ (N.T.): O termo no original *desserrage* significa "ação de desapertar", cujo uso nesse contexto gera certo estranhamento. Ainda que possamos traduzi-lo por "afrouxamento", optamos por manter o sentido original, já que Laurent joga com a oposição dos dois termos: *desserrer* e *serrer* ("apertar"). Desse modo, nos servimos também do sentido figurado relativo ao termo "aperto" (*serrage*), que implica uma situação difícil e evidente.

¹⁰ LECLAIRE, S. (1968). "Le rêve à la licorne". In: *Psychanalyser*. Paris: Seuil, p. 117.

¹¹ LACAN, J. (1998[1960]). "Posição do inconsciente". In: *Escritos*. Op. cit., p. 856.

¹² Em seu testemunho nas Jornadas de Rennes, publicado nesse mesmo número da *Révue de la Cause Freudienne* (76), pp. 9-14.

¹³ LACAN, J. (2003[1974]). "Televisão". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 542.

¹⁴ (N.T.): De acordo com o Dicionário on line do Google, *soufflage* significa "arte ou ação de moldar a massa de vidro aquecida, inflando-a com um sopro através de um tubo".

¹⁵ LACAN, J. (2006[1971]). "*Le séminaire*, livre XVIII: d'un discours qui ne serait pas du semblant". Paris: Seuil, pp. 81-82.

¹⁶ Idem. (1976[1975]). "Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines". In: *Scilicet* (7), pp. 35-36.

¹⁷ (N.T.): *Trou du souffleur* no original. Buraco no palco de um teatro destinado a alojar uma pessoa encarregada de "soprar" a fala dos atores, prevenindo assim, as eventuais falhas de memória. No vocabulário das artes cênicas, aquele que sopra o texto é chamado de "ponto".

¹⁸ LACAN, J. (1967-1968). "O ato psicanalítico". Seminário inédito, lição de 31/01/68.

¹⁹ (N.T.): vide nota 15.

²⁰ MILLER, J.-A. (2005). "Histoires de...psychanalyse". Conférences à France Culture, inédito.

²¹ (N.T.): *Mise en abyme* é um termo em francês que significa literalmente "cair no abismo", usado pela primeira vez por André Gide ao falar sobre as narrativas que contêm outras narrativas dentro de si. A *Mise en abyme* pode aparecer na pintura, no cinema e na literatura.

²² LACAN, J. (1976[1975]). Op. cit.

²³ HARARI, A. (2010). "Point d'émergence du désir de l'analyste?". In: *Révue de la Cause Freudienne* (76). Paris: Navarin, pp. 25-28.

²⁴ LACAN, J. (1998[1958]). "Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: 'Psicanálise e estrutura da personalidade'". In: *Escritos*. Op. cit., p. 687. Tomemos o seguinte exemplo onde vemos que juncos e sonhos estão espelhados: "A sombra dessa flor vermelha / e a sombra dos juncos vergados/ pareciam estar lá dentro/ os sonhos da água que cochila". L'HERMITE, F. T. (1638). "Promenoir de deux amants". In: *Les Amours de Tristan*. Paris: Libraire de Monfeigneur.

²⁵ GEERTZ, C. (1973). *Bali, interpretation d'une culture*. Paris: Gallimard.

²⁶ (N.T.): *assignation à résidence* é um termo do Direito que significa a obrigação feita a alguém de residir num local determinado pelo juiz, numa situação de expulsão ou de uma instrução judicial.

²⁷ LACAN, J. (2005[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 105.

²⁸ MILLER, J.-A. (2007[2005]). "Nota passo a passo". In: *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Op. cit., p. 223.

²⁹ LACAN, J. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 97 e Idem. (2003[1973]). "O aturdido". In: *Outros Escritos*. Op. cit., p. 496. Ver também o comentário de Barbara Cassin sobre a referência de Lacan a Demócrito. CASSIN, B. (2010). In: Badiou, A. e CASSIN, B. *Il n'y a pas de rapport sexuel. Deux leçons sur L'Étourdit de Lacan*. Paris: Fayard.